Artigo

INTERthesis

O futebol amador de São José do Norte e da Ilha dos Marinheiros: tradição e reinenção

The amateur football of São José do Norte and Ilha dos Marinheiros: tradition and reinention

Leonardo Costa da Cunha
Doutor
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
IFRS Campus Rio Grande
leocunha78@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0002-7719-9260

Jones Mendes Correia
Doutor
Secretaria de Município da Educação – Prefeitura do Rio Grande
Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul
jonescorreia.edfisica@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0003-1491-659X

Gustavo da Silva Freitas
Professor Associado
Universidade Federal do Rio Grande – FURG
gsf78_ef@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0002-3419-8217

Luiz Carlos Rigo
Professor Titular
Universidade Federal de Pelotas – UFPel
rigoperini@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9586-0182

Informações completas sobre autoria estão no final do artigo

Resumo: Este artigo objetivou problematizar e visibilizar algumas marcas históricas que constituem o futebol amador no município de São José do Norte e na Ilha dos Marinheiros - um distrito do município do Rio Grande. Essas cidades, que compõem o litoral sul do Rio Grande do Sul, abrigam dezenas de clubes de futebol amador, muitos fundados nas décadas de 1930 e 1940. Ao longo de quase um século, essas instituições futebolísticas passaram por inúmeras transformações esportivas, sociais, econômicas e culturais. Para construir uma narrativa histórica desse futebol e dessas instituições futebolistas e culturais utilizou-se de fontes orais e fontes escritas, coletadas pelos autores desse estudo em outras pesquisas que trataram do futebol nesses dois territórios. O estudo concluiu que nas duas localidades tratadas nesse artigo o futebol amador caracteriza-se como uma prática futebolística/cultural que se reinventa e se reconfigura, sintonizado às transformações socioeconômicas dessas localidades. A aceitação de futebolistas "*outsiders*" e a

remuneração de jogadores (por partidas), são duas singularidades marcantes da “nova” configuração do futebol amador da Ilha dos Marinheiros e de São José do Norte.

Palavras-chave: futebol amador; sociabilidade; Ilha dos Marinheiros; São José do Norte; história oral.

Abstract: This article aims to problematize and shed light on some historical markers that constitute amateur football in the municipality of São José do Norte and in Ilha dos Marinheiros, a district of the municipality of Rio Grande. These cities, which are part of the southern coast of Rio Grande do Sul, are home to dozens of amateur football clubs, many of which were founded in the 1930s and 1940s. Over nearly a century, these football institutions have undergone numerous sporting, social, economic, and cultural transformations. To construct a historical narrative of this football and these footballing and cultural institutions, oral and written sources were utilized, collected by the authors of this study in previous research on football in these two territories. The study concluded that in the two localities addressed in this article, amateur football is characterized as a footballing/cultural practice that reinvents and reconfigures itself in tune with the socioeconomic transformations of these localities. The acceptance of "outsider" footballers and the remuneration of players (per match) are two significant singularities of the "new" configuration of amateur football in Ilha dos Marinheiros and São José do Norte.

Keywords: amateur football; sociability; Ilha dos Marinheiros; São José do Norte; oral history.

Introdução

A cidade do Rio Grande possui aproximadamente 192.000 habitantes (IBGE, 2022), sendo a mais antiga do estado (19 de fevereiro de 1737), reconhecida como a “Cidade Histórica – Patrimônio do Rio Grande do Sul” (Rio Grande do Sul, 1992). Por abrigar o único porto marítimo do estado, aconteceram, desde o século XIX, importantes intercâmbios culturais e ciclos industriais na cidade. Por essa característica, o futebol também sofreu influência de diferentes lugares do mundo. Como discorre Witter (1990, p. 48), há indícios de que ainda no século XIX, “marinheiros disputaram partidas de futebol em diversas regiões portuárias do país”. Apesar de não ser possível precisar quando aconteceram os primeiros movimentos futebolísticos na cidade, Correia *et al.* (2020) relatam que, da mesma forma que ocorreu em outras regiões portuárias, há indícios de que tenham acontecido partidas de futebol em Rio Grande ainda antes da virada do século XIX para o XX.

No processo de consolidação desse futebol na região, destacaram-se três clubes, que mais tarde ascenderiam a profissionalização, dentre eles, o mais antigo clube de futebol em atividade no país, o Sport Club Rio Grande, fundado em 19 de julho de 1900; além do Sport Club São Paulo, fundado em 4 de outubro de 1908 e o Foot-Ball Club Rio-Grandense, fundado em 11 de julho de 1909. O S. C. Rio Grande difundiu o futebol no

Rio Grande do Sul, sendo protagonista da primeira partida oficial da modalidade na cidade de Pelotas, em 1901 (Rigo, 2004); em 1903 o clube excursionou por Porto Alegre (Soares, 2014) e, em 1906, para Bagé (Correia *et al.*, 2020).

A tradição e a longevidade no futebol rio-grandino[1] não são privilégios dos clubes profissionais. Correia *et al.* (2020) salientam que nas primeiras décadas do século XX Rio Grande vivia uma ebulição futebolística. Entre os anos de 1900 e 1916, os autores registraram a existência de 47 agremiações no município, citadas no Jornal Echo do Sul[2]. O estudo de Mackedanz e Rigo (2021) também evidencia esse cenário ao problematizar sobre as Ligas Esportivas da cidade entre os anos de 1926 e 1930.

Uma das localidades com representação histórica no futebol amador[3] encontra-se na zona rural do município, especificamente na Ilha dos Marinheiros[4]. Seus primeiros clubes foram fundados entre as décadas de 1930 e 1940, sendo a região sede de pelo menos 11 times de futebol (Correia; Freitas; Rigo, 2013). Muitas dessas agremiações, que se constituíram em *lócus* de sociabilidade dos ilhéus, trazem nas fachadas de suas sedes as datas de suas respectivas fundações.

Na outra margem da Laguna dos Patos está o município de São José do Norte. Com cerca de 25.500 habitantes (IBGE, 2022), o município se caracteriza por ser uma longa e estreita península, com aproximadamente 110 km de litoral, espreitada entre o Oceano Atlântico e a Laguna dos Patos.

O futebol é um dos principais eventos culturais do município, já que movimenta dezenas de comunidades, atrai jogadores de diversas cidades da região e possui uma significativa cobertura das mídias locais. O campeonato de futebol amador de São José do Norte acontece desde 1959 e conta com a participação de clubes fundados ainda nas décadas de 1930 e 1940 (Cunha *et al.*, 2013; Cunha; Freitas; Rigo, 2016).

A partir deste cenário, o estudo tem como objetivo principal visibilizar e problematizar algumas marcas históricas que constituem a gênese do futebol amador da Ilha dos Marinheiros (Rio Grande) e de São José do Norte, sobretudo na primeira

[1] Gentílico dos moradores do Rio Grande.
[2] Com sua fundação na década de 1850, até sua última edição na década de 1930, o Echo do Sul foi o jornal de maior longevidade na cidade do Rio Grande (Torres, 2012).
[3] Tomamos futebol amador, entre as diversas possibilidades de futebóis, como do circuito futebolístico comunitário conforme anuncia Damo (2003, 2006, 2018). No entanto, optamos por chamá-lo de futebol amador por ser este o termo utilizado na cultura futebolística da região.
[4] Os moradores da Ilha dos Marinheiros vivem, predominantemente, do trabalho autônomo – agricultura e/ou pesca. Apesar de estar localizada em frente ao centro da cidade, separada, aproximadamente, por apenas 2Km de extensão de água, seu acesso por via terrestre está a cerca de 30km do centro urbano. Colonizada por portugueses, a Ilha dos Marinheiros mantém traços dessa etnia, presentes em suas festas religiosas e na produção de bebidas alcoólicas derivadas da uva, como o vinho e a jeropiga - bebida artesanal, produzida desde meados do século XIX, feita a partir da uva e que se assemelha a um licor. Para mais informações, ver: Gründemann (2015).

metade do século XX. Para isso, utilizou-se de fontes orais e fontes escritas referentes ao futebol dessa região. As fontes orais utilizadas foram coletadas pelos autores desse estudo em outras pesquisas que trataram, separadamente, do futebol nesses dois territórios[5].

O futebol amador na Ilha dos Marinheiros (Rio Grande/RS)

A Ilha dos Marinheiros já foi sede de aproximadamente 11 agremiações futebolistas. Evidencias históricas apontam que o futebol emergiu na referida ilha nos anos de 1930, época em que o futebol da cidade do Rio Grande foi destaque no cenário estadual. Nesse período, os três clubes da cidade tornaram-se campeões estaduais: S. C. São Paulo em 1933; S. C. Rio Grande em 1936; F. C. Rio-Grandense em 1939.

Nessa época, o futebol da Ilha era constituído, predominantemente, por moradores da localidade. Ronaldo Nunes de Oliveira, nascido em 1947, fala da formação inicial do time do Esporte Clube Libertador[6], clube pelo qual atuou nas décadas de 1960 e 1970, e aponta o fim dos anos 1950 e o início dos anos 1960 como o período em que "gente da cidade" começou a completar os quadros dos times da Ilha.

> Os filhos do patrão, meus tios, nossos tios, nossos parentes, tinha muita gente que jogava só nesse clube, a metade do time era da chácara aqui, só aqui tinha oito ou nove, dos filhos dos meus tios, tudo vizinho. O time não botava ninguém de fora na época, quando foi inaugurado, o primeiro time foi assim. Depois de uns anos passados, daí foi modificando né, aí já começa, convida um, convida outro. (Oliveira, entrevista, 2011).

Além disso, Guilherme Gomes, nascido em 1933, patrono do Barulho Futebol Clube[7], ponderou que, no início, também não era comum os moradores da ilha acompanharem os jogos dos clubes da cidade que disputavam o Campeonato Estadual, pois não existiam sequer rádios no local. Ainda relatou, sem precisão temporal, que à medida que os rádios começaram a ser utilizados pelos ilhéus, os nativos passaram a acompanhar também os jogos dos clubes da cidade.

Como ilustram as narrativas de Ronaldo Oliveira e Valdir Silva, nascido em 1950 e ex-jogador do Esporte Clube Cruzeiro do Sul[8], – portanto, ambos mais novos do que Guilherme Gomes –, além de utilizar o rádio, às vezes, os ilhéus acompanhavam

[5] Para mais informações, ver: Cunha (2012); Cunha *et al.* (2013); Correia; Freitas; Rigo (2013); Cunha; Freitas; Rigo (2016).
[6] Clube fundado em 8 de julho de 1933.
[7] Clube fundado em 15 de novembro de 1948.
[8] Clube fundado em 5 de agosto de 1940.

pessoalmente o futebol rio-grandino. Tal informação sugere que o futebol da zona urbana da cidade era assunto nas rodas de conversa, mas, principalmente, em um período posterior aos títulos estaduais conquistado pelos clubes da cidade. É, ainda, um indicador de que o futebol da Ilha dos Marinheiros possuía uma significativa autonomia perante o futebol da cidade do Rio Grande.

Inclusive, alguns moradores da Ilha passaram a construir identificação com os clubes da cidade a partir dos vínculos que possuíam com os clubes da Ilha. Como relatou Emília Silva de Oliveira, (nascida em 1944, filha de um dos fundadores do Esporte Clube Libertador): “Acho que gostaram das cores. E nós somos Rio-Grandense por causa do Libertador. Minha mãe, meu pai, eram muito Rio-Grandense. Acho que uma coisa puxou a outra (Oliveira, entrevista, 2011).

A fundação dos clubes

Antes dos clubes, o futebol ilhéu se resumia aos tradicionais treinos, conforme relatou Guilherme Gomes (Entrevista, 2011). Esses treinos aproximavam-se do que Damo (2005) definiu como “matriz bricolada”, ou das práticas futebolísticas que Pimenta (2009) define como “peladas”. A supracitada autora comenta que, para se jogar uma pelada, são indispensáveis somente três itens: “bola, terreno e, claro, os jogadores. Os outros itens podem ser dispensáveis de acordo com os recursos (ou a falta destes): uniforme, chuteiras, caneleiras, traves, redes, árbitros, iluminação” (Pimenta, 2009, p. 17).

Na década de 1930 começam a ser fundados os primeiros clubes na Ilha dos Marinheiros. Havia a vontade de jogar futebol com fardamentos, adversários, ou seja, de jogar um futebol mais estruturado e institucionalizado. Isso começou a ocorrer a partir de algumas iniciativas como a de Pedro Alves, nascido em 1923.

> Eu me mudei para cá e comecei, comprei uma bola, num sapateiro, fui lá consertar o sapato não sei o que, e tinha uma bola. Aí me ofereceu se eu queria comprar aquela bola que mandaram consertar, mas não foram buscar. Eu comprei a bola, depois eu convidei os vizinhos, filhos do falecido João Guasca. Eles eram quatro ou cinco e eu e meu irmão começamos a brincar com a bola aí nos morros, fomos e formamos o Nó de Aço (Alves, entrevista, 2011).

O interesse coletivo de muitos indivíduos em jogar futebol incitou o surgimento das primeiras agremiações futebolísticas como o Esporte Clube Libertador, o Nó de Aço,

e o Ideal[9]. O interesse pelo futebol logo fez com que surgissem outras agremiações como foi o caso do Barulho Futebol Clube[10].

> Então aí nós íamos lá pra jogar bola, lá tinha um campinho, a gente era do Libertador, no princípio, o Barulho não existia era só do Libertador. Aí foi o seguinte, o Libertador sobrava muita gente, não suportava todos os jogadores que tinha, porque naquela época tinha muito guri novo, uns já com uma certa idade. Aí foi que formou o Barulho (Gomes, entrevista, 2011).

Os moradores da ilha, vinculados ao futebol local, lembram de vários clubes, mesmo daqueles que somente ouviram falar. Entre eles, estão o Ideal, o Baipendi, o Estrela do Sul, o Gre-Nal, o Vila Verde, o Três Oito e o Aliança, além dos já citados Nó de Aço Futebol Clube e Esporte Clube Cruzeiro do Sul.

O Esporte Clube Libertador e o Barulho Futebol Clube ainda mantêm suas atividades futebolísticas, disputando jogos amistosos e campeonatos com times de outros bairros da cidade do Rio Grande. Já o Cruzeiro do Sul, apesar de atualmente não manter equipes de futebol, permanece com eventos sociais em sua sede.

Um costume característico da cultura futebolística da época do surgimento dos clubes era o apadrinhamento, quando as agremiações mais antigas apadrinhavam os emergentes. Assim, o Libertador, apadrinhou o Cruzeiro, conforme relatou Valdir Silva e o Nó de Aço foi padrinho do Barulho, como lembrou Guilherme, (patrono do Barulho) e Pedro (fundador do Nó de Aço).

Nas práticas de lazer dos ilhéus, mediadas pelo futebol, forjava-se um determinado “engajamento social” e uma “arte de conviver com parceiros” (Mayol, 2008, p. 39). No período da emergência desse futebol predominava o trabalho agrícola na ilha, que vigorava de segunda a sábado. O domingo, como assinala Mayol (2008b), costumava ser reservado para o lazer e para o futebol. Assim, o futebol tornava-se uma das principais práticas de sociabilidade dos moradores da ilha.

Essa sociabilidade futebolística não acontecia somente dentro de campo, mas também em seus entornos como nas sedes dos clubes, que geralmente eram feitas de madeira e cobertas com uma lona ou com macega. Nesses espaços eram estruturadas as tradicionais copas, que tinham o objetivo de auxiliar os clubes economicamente, por meio do comércio de bebidas e lanches. Na década 1960, Barulho, Cruzeiro e Libertador construíram sedes de madeira de maior porte, que além de abrigarem as

[9] De acordo com a cultura oral essas são as primeiras agremiações da ilha.
[10] De acordo com Azevedo (2003), no ano de 1911 a ilha possuía um total de 1935 habitantes, sendo que, em 1940, chegou a alcançar uma população de 7200 habitantes.

copas nos dias de jogos, também serviam para guardar os troféus e para os moradores da ilha assistirem televisão.

Potencializando laços de parentescos e práticas de sociabilidade (Cioccari, 2007), os clubes de futebol da Ilha atuavam e atuam como catalisadores que produzem e reproduzem relações afetivas e, também, relações de poder que flutuam pelos bairros (Rigo, 2009).

As dinâmicas do futebol ilhéu: jogos, torneios e arbitragens

Os clubes de futebol que emergiram na Ilha dos Marinheiros na década de 1930, geralmente, possuíam duas equipes – o 1º e o 2º quadro. O 1º quadro era formado pelos melhores jogadores e no 2º quadro jogavam os demais: iniciantes, com menos capacidade futebolísticas; e os mais velhos.

Essa organização (1º e 2º quadro) predomina ainda hoje na maioria dos clubes do futebol de várzea. O segundo quadro serve tanto para atrair novos jogadores quanto para oportunizar que os jogadores mais velhos continuem jogando pelo clube, caso não tenham mais condições de fazerem parte do primeiro quadro. Essa estratégia fortalece uma lógica de pertencimento e de fidelidade entre o jogador com o seu clube da várzea.

Situado em um entrecruzamento do futebol profissional com a pelada, no futebol de várzea da Ilha dos Marinheiro dos anos de 30 e 40, as equipes já costumavam entrar em campo devidamente fardadas (chuteiras, calção, camiseta, meias e, algumas vezes, os goleiros usavam materiais de proteção (joelheiras). Todavia, como os clubes não possuíam grandes recursos financeiros, cada jogador custeava seu fardamento.

> A gente não tinha sócio pagando mensal, nada disso. A chuteira cada um comprava a sua, depois mais tarde com o negócio da copa, dava um lucrozinho, então a gente comprava alguma chuteira pra algum que não podia comprar ou não tinha. E assim era as camisetas, antes que não tinha copa, mas depois da copa começamos a arrumar, começamos a comprar, a gastar com o time mesmo. (Alves, entrevista, 2011).

Os jogos, que também eram conhecidos como tarde esportiva, movimentavam as tardes dos domingos e eram organizados, pelos próprios clubes, em formato de amistosos, torneios ou campeonatos locais. Os amistosos, geralmente, eram marcados por meio de ofícios. O diretor de um determinado clube procurava o diretor de outro e a ele entregava o documento agendando a partida. A diretoria de cada time comunicava

seus jogadores sobre o horário e o local do jogo. Posteriormente, os clubes visitados costumavam retribuir as visitas.

O caráter esportivo/competitivo era uma marca constitutiva do futebol amador da ilha nos anos de 1930 e 1940. Por volta da década de 1970, os torneios locais foram abertos para clubes de localidades próximas, como a Ilha do Leonídeo, a Ilha da Torotoma e a Quitéria.

Nessa mesma época, os clubes da Ilha dos Marinheiros passaram a participar também de jogos e competições que envolviam equipes de outras localidades do município do Rio Grande. Essas competições chegavam a durar meses e todos os jogos contavam com a presença de um árbitro escolhido e remunerado pela Liga que organizava a competição, diferente da arbitragem que ocorria nos jogos da ilha em que "os capitães iam lá pedir pra alguém apitar, se aquele não queria, eles procuravam outro" (Alves, entrevista, 2011).

Nos jogos da ilha "apitava, por que gostava de apitar, ou por que tinha uma obrigação de apitar, pois, se fosse jogar Barulho e Aliança, e se a gente fosse pedir para um do Libertador, ele apitava, porque depois quando ele jogasse, ele ia pedir para um daqueles ali" (Gomes, entrevista, 2011). Nessa lógica de "arbitragem acordada", indicava-se um árbitro que não tivesse vínculo com os times que estavam jogando.

A sede e os futebolistas "outsiders"[11]

Com o passar dos anos houve mudanças no futebol da ilha e na relação que os ilhéus mantinham com ele. Se até a década de 1980 a maioria dos jogadores eram nativos, aos poucos os clubes começaram a trazer jogadores remunerados de fora da comunidade a fim de fortalecer seus primeiros quadros.

> Já nem sei a época exata que começou a mudar. Muita gente foi embora daqui da Ilha, aí ficou difícil fazer time, aí começou a falar com o fulano, vem um cara que é treinador, a um dá tanto, outro dá tanto, começou assim, o futebol começou a decair. Decair modo de dizer, por que tinha que pagar (Oliveira, entrevista, 2011).

[11] Elias e Scotson (2000) utilizam o conceito de "outsiders" para se referir aos indivíduos que vêm de fora e tentam se inserir em uma dada comunidade consolidada em longa data com costumes e valores estabelecidos. Destacam como os sujeitos das comunidades estabelecidas tendem a tratar os de fora, os "outsiders", como "pessoas de menor valor". Guardadas as relações de poder e dinâmicas culturais que envolveram os estudos dos autores supracitados, tomamos emprestado o conceito de outsiders para nos referirmos aos futebolistas que se inserem em um clube de várzea do qual eles não pertencem, o que nem sempre é bem aceito pelos futebolistas da equipe e pelos indivíduos da comunidade que pertence o clube.

Em sua narrativa, Oliveira destaca a migração dos ilhéus mais jovens, em geral para a cidade, e a opção feita pelos clubes locais em remunerar jogadores de fora da ilha para fortalecer suas equipes. Além da chegada desses jogadores “outsiders” (Elias; Scotson, 2000) remunerados, outro fator que diferenciava o futebol da ilha dos anos 1930 e 1940 do futebol que passa a vigorar a partir do final do século XX, eram as sedes dos clubes. Se, incialmente, esses espaços eram lugares de madeira, bastante modestos, a partir dos anos 90 os clubes começaram a demonstrar preocupação em ter uma sede maior e melhor estruturada.

> Quando o Libertador começou a fazer aquele prédio lá, o Barulho também começou, eles fizeram aquilo tudo, e principalmente o Libertador, começou a querer fazer jogo quase todos os domingos. Nós íamos, mas aqui eles não vinham, porque eles queriam é pra eles. Começamos a se chatear e agora não vamos mais. Eles reclamavam: “Pô, mas vocês não foram! Mas vocês também, a gente convida, vocês não vão. É, mas vocês lá não têm banheiro, não tem nada. E vocês também não tinham! Agora por que vocês fizeram a gente é obrigado a fazer? A gente tem condições de fazer?” (Alves, entrevista, 2011).

Uma sede melhor, com banheiro e vestiário, e uma equipe cheia de futebolistas “outsiders” remunerados, foram componentes emblemáticos das transformações ocorridas no futebol amador da ilha. Nesse reformulado futebol, as sedes passaram a exercer um papel de distinção entre os clubes locais. Entretanto, se por alguns anos essas transformações evidenciam um certo fortalecimento do futebol da ilha, a partir do século XX emergem evidências de um processo gradativo de arrefecimento do futebol local, em boa parte, decorrente do êxodo rural. “A população ficou menor, e hoje em dia, tu sabes bem que a gurizada não se importa, como no nosso tempo. [...] se não tinha campo, fazia um campo aí numa recosta, todo mundo se unia, fazia um campo, e jogava noite a dentro. Era velho e novo, tudo misturado jogando” (Silva, entrevista, 2011).

A migração dos jovens da Ilha do Marinheiros para outros lugares, junto à ampliação das possiblidades de lazer estão entre os principais fatores que contribuíram para enfraquecer o futebol amado da ilha. Com a evolução tecnológica digital e com o acesso viário menos precário, os ilhéus passaram a ter uma maior acessibilidade a outras possiblidades de lazer. O futebol local, por sua vez, deixou de ser uma prática de lazer, quase que exclusiva, como vinha sendo até os anos de 1980.

Todavia, isso não significa o fim do futebol da Ilha dos Marinheiros. Clubes como o Barulho e o Libertador seguem com atividades futebolísticas, disputando competições

no município do Rio Grande. Suas sedes estão em bom estado de conservação, sendo utilizadas também para atividades festivas e para o suporte de outros eventos esportivos/culturais no município, como o ciclismo e as corridas de rua.

O futebol amador de São José do Norte/RS

Alguns registros apontam para jogos de futebol em São José do Norte em 1911 (Correia, 2014). Entretanto, a popularização do futebol, com o surgimento e consolidação de uma série de clubes, dar-se-á a partir de 1930. Até os anos 1950, o futebol amador de São José do Norte acontecia através de torneios e amistosos. Mas em 1959 teve início a primeira edição do campeonato municipal de futebol amador, organizado pela gestão pública, que no ano de 2024 teve a sua 63ª edição[12].

O estudo de Cunha; Freitas; Rigo (2016) elencou a participação de 49 agremiações, que representaram diferentes comunidades da cidade e do interior do município (Quadro 1)[13], ao longo de mais de 60 anos dessa competição. O maior número de equipes em uma mesma edição aconteceu no campeonato de 1980, com a participação de 34 agremiações.

Quadro 1 – Lista de Clubes de Futebol Amador da cidade de São José do Norte/RS

CLUBE E TÍTULOS MUNICIPAIS	FUNDAÇÃO	LOCALIDADE
Sport Club Barrense (8)	1931	Povoação da Barra
Grêmio Esportivo Cocuruto (1)	1933	Cocuruto
Liberal Foot-Ball Club (11)	1933	Cidade
Grêmio Esportivo Beira-Mar (6)	1938	Quinta Secção da Barra
Esporte Clube Oriente (8)	1938	Retovado
Esporte Clube Fortaleza (1)	1939	São Caetano
Esporte Clube Ari Barroso (4)	1942	São Caetano
Esporte Clube Bujuru (4)	1942	Bujuru
Esporte Clube Divisa (2)	1944	Divisa
Esporte Clube Tamandaré (1)	1947	São Caetano
Esporte Clube Olaria (2)	1947	Tesoureiro
Esporte Clube Bonsucesso (1)	1950	Barranco
Esporte Clube Guarani (1)	1954	Capão do Meio
Esporte Clube Vencedor	1954	São Caetano
Bento Gonçalves Futebol Clube (8)	1956	Cidade
Ferrari Futebol Clube (2)	1958	Cidade

[12] A competição só não foi realizada nos anos de 2020 e 2021, devido à pandemia de Covid-19.
[13] Não foi possível ter acesso ao nome completo e à data de fundação de alguns clubes que encerraram suas atividades.

Esporte Clube Passinho[14]	1959	Passinho
Esporte Clube União do Gravatá	1961	Gravatá
Esporte Clube Internacional	1963	Estreito
Esporte Clube São José	1964	Capão da Areia
Esporte Clube Fluminense	1964	Contrato
Esporte Clube União Pontalense	1967	Pontal da Barra
Esporte Clube Capivarense	1967	Capivaras
Associação Esportiva Varzense (1)	1968	Várzea
Esporte Clube União dos 4 Irmãos	1968	Gravatá
Flamengo Futebol Clube	1969	Turpim
Esporte Clube Lagomar	1970	Estreito
Esporte Clube Bujuruense	1971	Bujuru
Esporte Clube União do Barranco	1973	Barranco
Esporte Clube Esperança	1975	Capão da Areia
Apollo Futebol Clube	1975	Cidade
Sociedade Esportiva e Recreativa Nortense	1978	Cidade
Associação Esportiva Internacional (1)	1981	Estreito
Camponês	------	Retovado
Esportivo	------	Retovado
Estrela Futebol Clube	------	Retovado
Esporte Clube Ideal	------	Retovado
Esporte Clube Vila Nova	------	São Caetano
Vila Nova	------	Vila Nova
Esporte Clube Juventude	------	Tesoureiro
Novo Avante	------	Várzea
Grupo dos 18 Assistencial e Esportivo	------	Cidade
Atlântico Futebol Clube	------	Cidade
Esporte Clube Marcílio Dias	------	Cidade
Lagomar da Praia	------	Praia do Mar Grosso
Pontal Futebol Clube	------	Pontal da Barra
Esperança	------	Capão do Meio
Esporte Clube Palmeiras	------	Paurá
Esporte Clube Palmeiras	------	Estreito

Fonte: Elaborada pelos autores (2024).

Em suas primeiras edições, o campeonato era composto basicamente por clubes da zona urbana da cidade, com a participação de um ou outro clube da zona rural, geralmente de regiões mais próximas à sede do município[15]. Um exemplo dessa

[14] O clube foi fundado como Serramalte em 18/04/1959, mas em 17/07/1983 adotou a denominação da localidade que representa.

[15] Essa dinâmica acontecia provavelmente pela dificuldade de acesso as localidades interioranas do município, já que a atual BR 101 – que atravessa São José do Norte em toda sua extensão –, foi

participação mais recente é o S. C. Barrense, da localidade da Povoação da Barra, distante 15 km do centro da cidade. Apesar de ser o clube mais antigo em atividade no município, (fundado em 18 de outubro de 1931), o Barrense passou a participar do Campeonato Municipal a partir de 1981 (Cunha, *et al.*, 2013). De 1981 até o campeonato de 2023, o clube conquistou 8 títulos.

O campeonato amador de futebol acontece uma vez por ano, com jogos realizados aos domingos, sempre com duas categorias – 1º Quadro (Principal) e 2º Quadro[16]. Pela extensão geográfica do município (cerca de 110km de Norte a Sul), a primeira fase da competição ocorre de forma regionalizada, possibilitando que os clubes de localidades mais próximas joguem entre si. Nos últimos anos, devido à redução de clubes participantes do certame, a competição tem sido dividida em dois grupos, também regionalizados[17].

Metamorfoses no futebol amador de São José do Norte

Nos anos de 1970 e 1980, com a participação mais efetiva dos clubes do interior do município, o campeonato nortense de futebol chegou a contar com mais de 30 times em uma mesma edição. Contudo, principalmente em decorrência do êxodo rural, "de 88 a 96 já começou a dar um decréscimo", como relatou Ademir Maio (Entrevista, 2011). São José do Norte tem como principal fonte econômica o cultivo da cebola (Muradás, 2002) e em tempos passados chegou a receber a denominação de "capital nacional da cebola" (Santos, 2007). Em 1958, o município foi responsável por quase 50% da produção estadual, sendo o Rio Grande do Sul o principal produtor do Brasil. Até meados dos anos 1980, a produção de cebola proporcionou ótimos níveis de renda aos agricultores de São José do Norte. Contudo, desde meados dos anos 1990, a agricultura local vem passado por dificuldades (Santos, 2007).

O fortalecimento do futebol nortense[18] no período de 1960 a 1980 e um enfraquecimento a partir dos anos de 1990 evidencia os vínculos do futebol com a situação sócio econômica do município. No período que abrangia o final dos anos 1950 e o início dos 1960, alguns clubes, como o Liberal F. B. C. e o Ferrari F. C.[19], chegaram

pavimentada na região somente entre os anos de 2008 e 2009. Até então, o trajeto era chamado de Estrada do Inferno, devido à dificuldade de transitar no terreno, ora arenoso, ora lamacento.

[16] Nas fases finais, os jogos do Segundo Quadro, por vezes, são realizados aos sábados.

[17] Em edições que contavam com um número maior de equipes a competição chegou a ser dividida em 4 ou 5 grupos, com 6, 7 e até 8 equipes em cada chave.

[18] Gentílico dos moradores de São José do Norte.

[19] O Ferrari F. C. foi um time formado a partir dos funcionários da Empresa Ferrari, que comprava e vendia cebola e pescado, inclusive com uma filial no Rio de Janeiro.

a instituir um futebol semiprofissional, com treinos e preparação física. O “Ferrari tinha uma sede organizada e quando um jogador se machucava o clube bancava. Todo mundo ganhava pra jogar. [...] de futebol amador era só o nome, na verdade era um amadorismo marrom” (Maio, entrevista, 2011).

Outro acontecimento que reforça essa narrativa é o episódio que envolveu o jogo entre o Liberal e o Fiação e Tecidos da cidade de Pelotas, ocorrido na cidade do Rio Grande pelo campeonato da região. Na ocasião, um dos jogadores do Liberal morava em Porto Alegre e, segundo Ademir Maio (Entrevista, 2011), o clube pagou uma passagem de avião para Rio Grande para o futebolista participar do jogo.

A partir de meados dos anos 1980, a produção de cebola do município entra em decadência e ocasiona um êxodo rural das comunidades interioranas de São José do Norte (Santos, 2006). A nova situação socioeconômica do município afeta também o futebol amador local. Assim, a partir dos anos de 1990, o campeonato municipal passa a contar com um número menor de clubes disputando a competição.

Nota-se também que, a partir de meados de 1990, os clubes que pertenciam a comunidades que tinham a pesca como sua principal fonte econômica, como o S. C. Barrense (Povoação da Barra) e o G. E. Beira-Mar (Quinta Secção da Barra) e não mais os clubes vinculados às comunidades rurais que tinham a cebola como fonte econômica, começam a se destacar como os maiores vencedores do campeonato municipal (Cunha *et al.*, 2013; Cunha; Freitas; Rigo, 2016).

O licenciamento de clubes no campeonato municipal continuou nos anos 2000, quando a competição passou a contar, em média, com a participação de 15 equipes em cada edição. Nesse período, o Rio Grande do Sul já havia caído para a quarta posição no ranking nacional da produção da cebola, figurando atrás de Santa Catarina, Paraná e Bahia (Santos, 2006, 2007).

A relação entre o futebol amador e a situação econômica do município, principalmente, com a produção da cebola, é visível. O momento de maior expansão de clubes (anos 1960, 1970 e 1980) coincide com o período em que o município gozava de uma melhor conjuntura socioeconômica, procedente da cebolicultura. Nas décadas seguintes, junto ao declínio da situação socioeconômica do município, acompanhamos uma inflexão no número de clubes no Campeonato Municipal. A edição de 2023 contou com a presença de 11 clubes e a de 2024 com 8 equipes[20].

[20] Vale destacar que no ano de 2024 a região sul do Rio Grande do Sul, em especial as cidades de São José do Norte, Rio Grande, Pelotas e São Lourenço do Sul, sofreram fortemente com a enchente que assolou o estado. O fenômeno climático extremo refletiu diretamente no número de clubes participantes na edição de 2024.

Os “Outsiders” no futebol nortense

O relato de Guaracy Ferrari, futebolista dos anos 1940 e 1950, (Cunha; Freitas; Rigo; 2016), retrata a opinião de parte dos desportistas nortenses em relação à inclusão dos futebolistas “*outsiders*” nos clubes de São José do Norte.

> Lá fora[21] era tudo jogadores da localidade, então havia mais calor da torcida, porque são os parentes, é o sobrinho, é o tio, é o irmão. Agora não, começaram a levar gente do Rio Grande, gente do Norte[22] pro interior, descaracterizou, tirou todo aquele calor, aquela vibração que tinha antigamente (Ferrari, entrevista, 2010).

Outra crítica feita é a de remuneração de jogadores, já que os clubes que possuem um maior poderio econômico acabam “fichando”[23] jogadores de outras cidades (Rio Grande, Pelotas, Tavares e Mostardas) e esses, em sua maioria, jogam apenas por interesse financeiro, já que não possuem maiores vínculos afetivos com os clubes e com as comunidades[24].

Por outro lado, também há aqueles que que defendem a inclusão dos futebolistas *outsiders*, como é o caso, por exemplo, do radialista Oswaldir Santos, que pontua:

> Hoje tem um monte de coisa que os caras não aceitam, não querem mais agora nem jogadores do Rio Grande, que eu acho que isso aí historicamente é um tiro no pé, porque os caras dizem: “ah se vem jogador do Rio Grande, Barrense, Liberal, Beira-Mar se fortalecem”. Tá, mas vem cá, se Barrense, Beira-Mar e Liberal trouxerem jogadores do Rio Grande, os do Norte vão sobrar pros outros times. Agora, se for só com os jogadores do Norte teoricamente o que vai acontecer, Liberal, Barrense, Beira-Mar e Bento, que tem poder aquisitivo, vão pegar os melhores jogadores do Norte e não vai sobrar nada pros outros (Santos, entrevista, 2010).

Ao tratar dos “*outsiders*” Elias e Scotson (2000) comentam que a aceitação dos não nativos está relacionada a necessidade deles para uma certa comunidade, mesmo

[21] O termo “lá fora” é utilizado para se referir às comunidades que ficam no interior do município.
[22] Norte é como as pessoas do Rio Grande e de São José do Norte se referem a esse município.
[23] O termo fichar o jogador é comum no futebol amador. Trata-se de uma ficha que o futebolista assina com o clube antes do campeonato, sendo esse o documento oficial que determina o vínculo do jogador com a agremiação durante toda a competição.
[24] No futebol amador de São José do Norte, a maioria dos jogadores recebe um valor fixo por partida, que gira entre R$150,00 e R$250,00 por jogo. Os futebolistas considerados de maior nível técnico ou ex-atletas profissionais podem receber até R$600,00 por partida. Nos campeonatos de 2023 e 2024, houve relatos de futebolistas que recebiam R$800,00 por jogo. Alguns clubes, além dos valores por partida, oferecem outras recompensas para o futebolista assinar a ficha, como: eletrodomésticos, eletroeletrônicos ou móveis, comprados pelo clube.

que seja uma necessidade pontual e/ou temporário, como parece ser o caso dos futebolistas que vêm de fora para ajudar o clube em alguns jogos, ou em uma temporada.

Ademir Maio também é favorável à presença dos futebolistas *outsiders*; para ele, trata-se de uma prática característica do universo futebolístico, principalmente do futebol profissional e de alto rendimento: “Isso é uma coisa normal, no futebol profissional tu vê isso, os clubes europeus se abastecem de jogadores brasileiros e de outras praças” (Maio, entrevista, 2011). Ele acrescenta que o aumento no número de futebolistas de fora, deu-se, principalmente pelo êxodo rural ocorrido no município de São José do Norte e agrega que: “os próprios dirigentes já estão morando na cidade e também os filhos, que vieram estudar. As comunidades ficaram com menos potencial de atletas para compor as equipes, e aí vão buscar onde tem” (Maio, entrevista, 2011).

Na cultural oral do município há aqueles que são contra e aqueles que são a favor da presença dos futebolistas *outsiders* no futebol amador local. Ou seja, os futebolistas *outsiders* constituem-se em uma controvérsia que atravessa boa parte da historiografia do futebol amador de São José do Norte.

Futebol na comunidade: um espaço de sociabilidade e entretenimento

No futebol amador, o pertencimento clubístico geralmente está vinculado à comunidade que o indivíduo nasceu, mora ou possui vínculos parentais. Também existem aqueles que optam por torcer pelo clube em que algum familiar seu está jogando. Assim, se criam as conexões entre os clubes, as comunidades e os indivíduos. Essa representatividade faz do clube um “agenciador de sociabilidade” (Rigo, 2007, p. 90). Um lugar de encontro e de convivência da comunidade. Ou seja, os campos e as sedes agregam pessoas, tornando-se “um lugar onde se forjam sentimentos e valores, um espaço utilizado para administrar as rivalidades, as diferenças e as tensões intrínsecas a todo bairro” (Rigo, 2007, p. 90). Além de eventos futebolísticos, os clubes são protagonistas de outras atividades de lazer, como bingos, bailes, jantares, festas de aniversário do clube, entre outros.

Machado e Rivera (1992), ao discorrerem sobre os costumes das comunidades interioranas de São José do Norte, assinalam como as principais diversões, as corridas de cavalo; as festas religiosas e o futebol. Esse “muito apreciado pelos habitantes locais” (Machado e Rivera, 1992, p. 29). A importância do futebol como prática de lazer também é enfatizada pelo radialista local, Altemir Lima, em sua crônica intitulada “compromisso com a comunidade”, publicada no jornal Folha do Norte.

> Cada um destes clubes que participa do campeonato do município representa uma comunidade e seus dirigentes têm a consciência de que o licenciamento ocasiona prejuízos incalculáveis, principalmente no aspecto social. O futebol é o único divertimento que temos em nosso interior, quando não são realizados jogos aos domingos não há absolutamente mais nada que se possa fazer. É nos jogos que os amigos se encontram, as comunidades vizinhas se confraternizam e as moças e rapazes namoram. Durante os seis dias da semana o assunto futebol é prioritário, revelando a maior paixão do povo nortense, e no sétimo dia é hora de extravasar toda a emoção proporcionada pelos atletas de suas equipes que por mais modesta que sejam sempre acabam reservando uma alegria no coração de seus torcedores. Já disse uma vez e repito, tirem tudo do povo nortense, só não tirem o futebol! (Folha do Norte, 21/03/1996, p. 11).

Durante o campeonato, a cada final de semana o município se transforma, as comunidades se preparam para viajar, para recepcionar outro clube e sua torcida, e para assistir o seu time jogar:

> O futebol do Norte transcende a importância da competição propriamente dita, porque as pessoas que trabalham no interior, elas trabalham na cebola ali, conversando uns com os outros falando no futebol. Agora talvez com o advento da televisão, da eletrificação rural, parabólicas e tal, as pessoas conversem outras coisas, mas a essência do papo ali, invariavelmente ou é, ou era, no caso, futebol ou política. Hoje talvez eles já falem de outras coisas. Mas no passado, principalmente porque não tinha televisão lá fora, não tinha nem luz, não tinha nada né. Então a perspectiva do pessoal era a da chegada do domingo, por quê? Porque domingo joga Guarani que é lá no Capão do Meio contra o Oriente que é aqui no Retovado. Aí vem as famílias, a diretoria, os jogadores, tem a moça, vem o filho, que vão se encontrar lá na outra comunidade. Aí vem a parenta que não vê há muito tempo e já espera lá com um pãozinho feito em casa. Então o futebol no Norte sempre teve essa importância e apesar do avanço dos tempos ele continua tendo essa importância (Santos, entrevista, 2010).

O futebol é um momento esperado de lazer do final de semana. A sede, a copa (bar), a beira do campo, são espaços compartilhados, proporcionando uma "proximidade fundamental para forjar um estado para melhor 'conviver' entre toda a vizinhança" (Rigo, 2007, p. 90).

Cunha *et al.* (2013), traz o relato de um dos gestores do S. C. Barrense, Altair Marques da Costa: que conta que na década de 1980 o "pessoal se reunia todas as noites, ficavam ali jogando, participando das reuniões dançantes" (Costa, entrevista,

2011). A sede do clube era um ponto de encontro não só para os moradores da localidade, mas também de outras comunidades, inclusive do centro da cidade. “A sede lotava mesmo, sábado, domingo, segunda, terça, sempre tinha povo” (Costa, entrevista, 2011).

As “metamorfoses do espaço habitado” (Santos, 1988) através da pavimentação de estradas, da eletrificação rural, da disponibilidade de internet e do acesso a canais de TV por assinatura ampliaram as opções de lazer de muitas comunidades mais distantes, como foi o caso de São Jose do Norte:

> O diferencial é que hoje tem outras opções de lazer, então tu divides o futebol, que é uma coisa intrínseca, cultural do povo, de gostar, mas hoje a juventude tem outras opções, as pessoas têm outras opções de lazer, tem televisão em casa, futebol em casa. Naquela época não tinha nenhuma outra opção, a não ser o futebol aos domingos, então aquilo era um atrativo e existia uma participação efetiva e muito grande de todas as comunidades. As pessoas trabalhavam e viviam direcionadas para aquele tipo de lazer que era os jogos aos domingos. Hoje não! (Maio, entrevista, 2011)

Apesar das mudanças que ampliaram as possibilidades de lazer da comunidade de São José do Norte, o futebol amador continua exercendo um papel de destaque na sociabilidade da comunidade nortense. O futebol aos domingos e os diversos eventos nas sedes dos clubes constituem um espaço/tempo de intensas experiências de sociabilidade e de lazer que, de diferentes maneiras, ainda abarca boa parte da população do município.

Considerações finais

O futebol amador dos municípios do Rio Grande (Ilha dos Marinheiros) e de São José do Norte, ambos localizados no extremo sul do litoral do Rio Grande do Sul, possuem algumas singularidades e certas similaridades, tais como, a emergência de um futebol clubista, mais institucionalizado, na mesma época – décadas de 1930 e 1940 –, e o isolamento geográfico das duas localidades, que são cercadas por água, o que fortaleceu a consolidação de um futebol amador com agremiações com vínculos orgânicos e representativos das comunidades locais.

As mudanças do espaço geográfico, tanto na Ilha dos Marinheiros como nas comunidades interioranas de São José do Norte, aliadas às alterações no estilo de vida e nas opções de lazer, produziram uma inflexão no interesse da prática do futebol amador dessas duas comunidades, principalmente, entre os jovens. Esse menor

interesse na prática futebolística de parte dos seus moradores incentivou alternativas de buscar futebolistas “de fora”, “outsiders” para fortalecer os clubes locais e manter a atratividade do futebol amador nessas duas localidades.

Em São José do Norte, especificamente, apesar das controvérsias existentes, a estratégia adotada pela maioria dos clubes de trazer futebolistas *outsiders* remunerados reconfigurou o futebol local e ajudou a consolidar um campeonato amador, que se aproxima de um futebol semiprofissional. Outra característica comum a ressaltar no futebol de São José do Norte e, também, no futebol da Ilha dos Marinheiros é o papel que ambos continuam a desempenhar nas sociabilidades dessas comunidades. As beiradas dos campos, as copas e, principalmente, as sedes dos clubes, são lugares que possibilitam experiências de sociabilidades para aqueles que circulam nesses espaços, forjando um sentimento de pertencimento entre indivíduo e localidade.

Com quase cem anos de existência, esse futebol (de São José do Norte e da Ilha dos Marinheiro) construiu uma tradição de reinvenção que lhe possibilitou resistir às transformações geográficas, econômicas, culturais e futebolísticas, que ocorreram nesse território.

Referências

AZEVEDO, Ana Lucia Dias Morisson. **A ilha dos três Antônios**. Águeda, Portugal: Jornal Soberania do Povo, 2003.

CIOCCARI, Marta Regina. **Das regras do jogo**: futebol, masculinidade e disputas numa comunidade de mineiros de carvão no RS. In: VII Reunião de Antropologia do Mercosul, Porto Alegre, 2007.

CORREIA, Jones Mendes; FREITAS, Gustavo da Silva, RIGO, Luiz Carlos. Narrativas de memórias esportivas: a emergência de clubes de futebol amadores na Ilha dos Marinheiros – Rio Grande/RS. **Esporte e Sociedade**, [S.l], v. 8, n. 21, p. 1-17, mar. 2013.

CORREIA, Jones Mendes. **Os vínculos clubísticos e as lógicas do jogo:** um estudo sobre a emergência e o processo de (des)elitização do futebol na cidade de Rio Grande - RS (1900-1916). 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

CORREIA, Jones Mendes *et al.* A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do jornal Echo do Sul (1900:1916). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.L.], v. 42, n. 1, p. 1-7, maio 2020.

CUNHA, Leonardo Costa da. **Entre a laguna e o oceano:** histórias de um futebol. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

CUNHA, Leonardo Costa da *et al*. Sport Club Barrense: memórias de um clube de futebol amador do município de São José do Norte/RS. **Espaço Plural**, ano XIV, n. 29, p. 67-89, 2º semestre 2013.

CUNHA, Leonardo Costa da, FREITAS, Gustavo da Silva, RIGO, Luiz Carlos. Entre a Laguna dos Patos e o oceano: notas sobre a memória e algumas transformações do futebol amador de São José do Norte/RS (Brasil). **Licere**, Belo Horizonte, v.19, n. 4, p. 298-319, dez/2016.

DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, maio/ago. 2003.

DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 1, nov. 2005/fev. 2006.

DAMO, Arlei Sander. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLia/UFMG**, [S.L.], v. 3, n. 3, p. 37-66, set.-dez., 2018.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GRÜNDEMANN, Helissa Renata. **"Quando as pessoas lembram da Ilha, elas lembram da Jurupiga":** memória, tradição e patrimônio na Ilha dos Marinheiros (Rio Grande/RS). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html. Acesso em: 9 mar. 2024.

MACHADO, Maria Elvira Silveira & RIVERA, Mara Rúbia Pinho (Org.). **São José do Norte:** terra de águas claras e areias brancas. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, Prefeitura Municipal de São José do Norte. São José do Norte, 1992.

MACKEDANZ, Christian Ferreira; RIGO, Luiz Carlos. "Racismo à brasileira" no futebol rio-grandino: notas sobre a liga esportiva rio branco (1926-1930). **Cadernos de História**, [S.L.], v. 22, n. 37, p. 222-239, nov. 2021.

MAYOL, Pierre. O Bairro. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAYOL, Pierre. O Fim de Semana. In: CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2**. Petrópolis: Vozes, 2008b.

MURADÁS, Jones. **A cultura da cebola no litoral centro do Rio Grande do Sul** – análise de suas especificidades como subsídio para o desenvolvimento regional.

2002. 176f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PIMENTA, Rosangela Duarte. **Desvendando o jogo**: o futebol amador e a pelada na cidade e no sertão. Tese de Doutorado. Recife, PE: UFPE, 2009.

RIGO, Luiz. Carlos. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Editora UFPel, 2004.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Pensar a Prática** 10/1: 83-98, jan./jun. 2007.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). **Decreto nº 34.472, de 11 de setembro de 1992**. Dispõe sobre a inscrição do título "Cidade Histórica – Patrimônio do Rio Grande do Sul" para a cidade de Rio Grande. Porto Alegre, 1992.

SANTOS, Jefferson Rodrigues dos. **Previdência Rural e suas interações com a realidade local:** impactos territoriais em São José do Norte. 2006. 331f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANTOS, Jefferson Rodrigues dos. Análise do processo de especialização produtiva e da crise do sistema de produção de cebola em São José do Norte – RS. **Sinergia**, Rio Grande, 11(2): 53-65, 2007.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. Editora Hucitec, São Paulo, 1988. 124p.

SOARES, Ricardo Santos. **O foot-ball de todos:** uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2014.

TORRES, Luiz Henrique. **Rio Grande: 180 anos de jornalismo**. Rio Grande: FURG, 2012.

WITTER, José Sebastião. **O que é futebol**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Fontes orais

ALVES, Pedro. Entrevista realizada em 2011, por Jones Mendes Correia e Gustavo da Silva Freitas.

COSTA, Altair Marques da. Entrevista realizada em 2011, por Leonardo Costa da Cunha.

FERRARI, Guaracy do Amaral. Entrevista realizada em 2010, por Leonardo Costa da Cunha.

GOMES, Guilherme Pousada. Entrevista realizada em 2011, por Jones Mendes Correia.

MAIO, Ademir Marques. Entrevista realizada em 2011, por Leonardo Costa da Cunha.

OLIVEIRA, Emília Silva de. Entrevista realizada em 2011, por Jones Mendes Correia e Gustavo da Silva Freitas.

OLIVEIRA, Ronaldo Nunes de. Entrevista realizada em 2011, por Jones Mendes Correia e Gustavo da Silva Freitas.

OLIVEIRA, Rosiméri Silva de. Entrevista realizada em 2011, por Jones Mendes Correia e Gustavo da Silva Freitas.

SANTOS, Oswaldir Silva dos. Entrevista realizada em 2010, por Leonardo Costa da Cunha.

SILVA, Valdir de Oliveira e. Entrevista realizada em 2011, por Jones Mendes Correia e Gustavo da Silva Freitas.

NOTAS DA OBRA

AUTORIA

Leonardo Costa da Cunha
Doutor
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS Campus Rio Grande
leocunha78@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0002-7719-9260

Jones Mendes Correia
Doutor
Secretaria de Município da Educação – Prefeitura do Rio Grande, e Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul
jonescorreia.edfisica@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0003-1491-659X

Gustavo da Silva Freitas
Professor Associado
Universidade Federal do Rio Grande – FURG
gsf78_ef@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0002-3419-8217

Luiz Carlos Rigo
Professor Titular
Universidade Federal de Pelotas – UFPel
rigoperini@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9586-0182

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: L. C. da Cunha, J. M. Correia, G. S. Freitas, L. C. Rigo.
Coleta de dados: L. C. da Cunha, J. M. Correia, G. S. Freitas, L. C. Rigo.
Análise de dados: L. C. da Cunha, J. M. Correia, G. S. Freitas, L. C. Rigo.
Discussão dos resultados: L. C. da Cunha, J. M. Correia, G. S. Freitas, L. C. Rigo.

Revisão e aprovação: L. C. da Cunha, J. M. Correia, G. S. Freitas, L. C. Rigo.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

FINANCIAMENTO

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a licença *Creative Commons Attribution* (CC BY) 4.0 International.

Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.

Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Daniel Serravalle de Sá

HISTÓRICO

Recebido em: 20-09-2024 – Aprovado em: 25-02-2025 – Publicado em: 30-02-2025